



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Debates Geográficos da Realidade Brasileira

Atena
Editora
Ano 2020



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Debates Geográficos da Realidade Brasileira

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editores: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D286	<p>Debates geográficos da realidade brasileira [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-65-5706-017-9 DOI 10.22533/at.ed.179200405</p> <p>1. Geografia – Pesquisa – Brasil. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini.</p> <p style="text-align: right;">CDD 910.03</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “Debates Geográficos da Realidade Brasileira”, cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de vinte e um capítulos a partir de análises, ensaios, relatos e pesquisas de professores e pesquisadores oriundos de diferentes instituições.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento público na área de Geografia, entre outras áreas afins para debater a função social da ciência geográfica, bem como das Ciências Humanas no cotidiano de um país marcado por inúmeras contradições e desigualdades sob a égide de práticas que violam a nossa jovem democracia.

A Coletânea está organizada a partir de alguns eixos temáticos, quais sejam: Ensino de Geografia, Geografia Agrária, Geografia Urbana e Econômica, Cartografia e Geoecologia, Geografia Cultural e Política e Geografia Regional. Tal diversidade revela a necessidade da Geografia para compreensão, e, sobretudo, transformação da realidade brasileira e suas conexões com o mundo globalizado. Nesse devir, urge refletir e construir teorias que possam desvendar nosso futuro comum.

Assim, os capítulos 1, 2 e 3 versam sobre as possibilidades do Ensino de Geografia, enfatizando respectivamente a Cartografia Tátil, o Trabalho de campo e propostas inclusivas, bem como os desafios do estágio supervisionado na formação do professor de Geografia.

No segundo eixo sobre Geografia Agrária, os capítulos 4, 5 e 6 tratam dos desafios da construção de um Atlas da Questão Agrária Norte Mineira, a formação territorial da Campanha Gaúcha e a Indústria de beneficiamento de arroz no interior do estado de São Paulo.

O terceiro e maior eixo temático da Coletânea, versa os desafios urbanos e econômicos na contemporaneidade, cujas análises estão presentes nos capítulos 7 a 15 a partir dos seguintes subtemas: reestruturação produtiva no Recôncavo baiano, vulnerabilidade e renda familiar na região imediata de Ituiutaba - MG, consumo, comércio e novos empreendimentos em Timon – MA, gestão territorial urbana em Belo Horizonte – MG, subúrbios de Recife-PE, renovação urbana em Paulista-PE, planejamento urbano e participação popular em Teresina-PI, empresas de publicidade e rede urbana no Brasil e a produção territorial-urbana em Oiapoque-AP.

O Capítulo 16 apresenta uma importante e atual análise sobre a Cartografia do feminicídio em Belém-PA, cujos dados versam sobre o período de 2011 a 2018. Já os capítulos 17 e 18 apresentam as Unidades Ambientais em Santa Maria – RS a

partir de uma revisão da sustentabilidade ambiental e urbana e as estratégias para Educação Ambiental em área de risco na Zona Norte de Recife-PE.

Na sequência o capítulo 19 apresenta uma análise sobre o conflito Sírio em consonância com formação territorial e os desafios políticos e o sectarismo religioso. Enquanto o capítulo 20 apresenta um breve relato sobre o divino, o sagrado e o profano e a relação com os rituais africanos nos países do Mercosul. Por fim, no capítulo 21 discute-se o conceito o nordeste brasileiro a partir de um profícuo diálogo com as teorias de Gilberto Freyre.

Esperamos que as análises e contribuições publicadas nessa Coletânea propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão da Geografia em sintonia com a sua função e responsabilidade socioambiental e territorial para construirmos alternativas para transformar a realidade a partir de uma Geografia socialmente engajada.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO DE GEOGRAFIA PARA DEFICIENTES VISUAIS: CONFEÇÃO DE MAPAS TÁTEIS COM MATERIAIS ACESSÍVEIS E DE BAIXO CUSTO	
Laís Caroline Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1792004051	
CAPÍTULO 2	15
CONSTRUÇÃO DOS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS PERMEADO POR TEMÁTICAS INTERDISCIPLINARES E POR PRÁTICAS INCLUSIVAS DE TRABALHO DE CAMPO	
Maria Solange Melo de Sousa Juanice Pereira Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1792004052	
CAPÍTULO 3	29
UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA	
Severino Alves Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.1792004053	
CAPÍTULO 4	37
A CONSTRUÇÃO DO ATLAS DA QUESTÃO AGRÁRIA NORTE MINEIRA E OS DESAFIOS E DISPUTAS TERRITORIAIS	
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira Anderson Willians Bertholi Bruna França Oliveira Tayne Pereira da Cruz Walcricio Martins Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.1792004054	
CAPÍTULO 5	50
TERRITÓRIOS EM CONSTRUÇÃO NOS RINCÕES DO BRASIL MERIDIONAL: DA COLONIALIDADE E SUBALTERNIDADE, ÀS R-EXISTÊNCIAS NA FORMAÇÃO TERRITORIAL DA CAMPANHA GAÚCHA	
Anderson Luiz Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1792004055	
CAPÍTULO 6	61
“INDÚSTRIAS DE BENEFICIAMENTO DE ARROZ EM SANTA CRUZ DO RIO PARDO E SUAS RELAÇÕES ESPACIAIS”	
Reinaldo Luiz Selani	
DOI 10.22533/at.ed.1792004056	
CAPÍTULO 7	72
DINÂMICA TERRITORIAL E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO RECÔNCAVO BAIANO	
Alessandra Oliveira Teles Wodis Kleber Oliveira Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.1792004057	

CAPÍTULO 8 87

RENDA FAMILIAR NA REGIÃO IMEDIATA DE ITUIUTABA: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE A VULNERABILIDADE SOCIAL

Márcia de Souza Oliveira Paes Leme Alberto

Nélio Paulo Sartini Dutra Júnior

Léia Adriana da Silva Santiago

Lílian Gobbi Dutra Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.1792004058

CAPÍTULO 9 108

SHOPPING CENTER NA AVENIDA PIAUÍ: CONSUMO, COMÉRCIO E NOVOS EMPREENDIMENTOS EM TIMON (MA)

Amanda Maria Pires De Brito

Antônio Cardoso Façanha

DOI 10.22533/at.ed.1792004059

CAPÍTULO 10 120

DEMOCRACIA ELETRÔNICA E GESTÃO TERRITORIAL URBANA EM BELO HORIZONTE-MG

Vandeir Robson da Silva Matias

Matusalém de Brito Duarte

DOI 10.22533/at.ed.17920040510

CAPÍTULO 11 137

DOS ENGENHOS, SÍTIOS E ARRABALDES AO SUDOESTE DO RECIFE CONTEMPORÂNEO

Gabriel Augusto Coêlho de Santana

Rodrigo Dutra-Gomes

DOI 10.22533/at.ed.17920040511

CAPÍTULO 12 152

O PROCESSO DE RENOVAÇÃO URBANA NA ÁREA CENTRAL DO MUNICÍPIO DE PAULISTA/PE

Everton Barbosa da Luz

Rodrigo Dutra-Gomes

DOI 10.22533/at.ed.17920040512

CAPÍTULO 13 168

NOTAS SOBRE O MODELO DE PLANEJAMENTO URBANO NA CIDADE DE TERESINA: ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO POPULAR

Gilson Barbosa de Sousa

Aline de Araújo Lima

DOI 10.22533/at.ed.17920040513

CAPÍTULO 14 179

ESTRATÉGIA E CORRELAÇÕES ENTRE AS EMPRESAS DE PUBLICIDADE E A REDE URBANA BRASILEIRA

Ronaldo Cerqueira Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.17920040514

CAPÍTULO 15	189
REALIDADES FRONTEIRIÇAS: REFLEXOS NA PRODUÇÃO TERRITORIAL- URBANA EM OIAPOQUE – AMAPÁ	
Edenilson Dutra de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.17920040515	
CAPÍTULO 16	209
CARTOGRAFIA DO FEMINICÍDIO EM BELÉM-PA: UMA ANÁLISE DOS CASOS REGISTRADOS ENTRE 2011 A 2018	
Tatiane da Silva Rodrigues Tolosa Clarina de Cássia da Silva Cavalcante Roberto Magno Reis Netto Robson Patrick Brito do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.17920040516	
CAPÍTULO 17	219
UNIDADES AMBIENTAIS PARA SANTA MARIA/RS	
Priscila Terra Quesada José Manuel Mateo Rodriguez	
DOI 10.22533/at.ed.17920040517	
CAPÍTULO 18	230
PAISAGEM COMO ESTRATÉGIA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ÁREA DE RISCO NA ZONA NORTE DE RECIFE – PE	
Silvana Paula Soares Rodrigo Dutra-Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.17920040518	
CAPÍTULO 19	245
O CONFLITO SÍRIO COMO RESULTADO DA FORMAÇÃO TERRITORIAL: PODER POLÍTICO E SECTARISMO RELIGIOSO	
Leonardo Johas Petrocelli	
DOI 10.22533/at.ed.17920040519	
CAPÍTULO 20	254
OS VÍNCULOS DO CORPO E DA MENTE: O DIVINO, O SAGRADO E O PROFANO E SUAS RELAÇÕES COM OS RITUAIS AFRICANOS EM PAÍSES DO MERCOSUL	
Ivete Maria Soares Ramirez Ramirez Maurício Ribeiro da Silva Cristina Vieira Barbosa, pedagoga Gabrielle Pellucio De Felice Lenci	
DOI 10.22533/at.ed.17920040520	
CAPÍTULO 21	258
A REGIÃO NO NORDESTE BRASILEIRO : DIALÓGOS COM GILBERTO FREYRE	
Marina Loureiro Medeiros Rodrigo Dutra Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.17920040521	
SOBRE O ORGANIZADOR	269
ÍNDICE REMISSIVO	270

ENSINO DE GEOGRAFIA PARA DEFICIENTES VISUAIS: CONFECÇÃO DE MAPAS TÁTEIS COM MATERIAIS ACESSÍVEIS E DE BAIXO CUSTO

Data de aceite: 13/04/2020

Data de Submissão: 10/01/2020

Laís Caroline Rodrigues

Acadêmica no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São Carlos – *Campus Sorocaba*. E-mail de contato: lais.cartografia@hotmail.com Universidade Federal de São Carlos – UFSCar *Campus Sorocaba*
Sorocaba – SP
<http://lattes.cnpq.br/4793193954388971>

RESUMO: Atualmente, percebe-se a tendência do ensino em Geografia estar gradativamente mais atrelado à tecnologia, realçando nossa sujeição ao sentido da visão. Diante disso, pensar nas pessoas com deficiência visual é fundamental na inclusão desses indivíduos na escola e na sociedade. Para tanto, a cartografia tátil é o caminho para construção dos conceitos geográficos pelo aluno cego ou baixa visão, pois é responsável pela confecção de mapas e outros produtos cartográficos táteis a serem usados por esses estudantes. Este artigo expõe os resultados da iniciação científica desenvolvida no curso de Geografia pela UFSCar. A pesquisa apresentou-se com objetivo principal de confeccionar materiais cartográficos destinados ao ensino de geografia a estudantes com deficiência visual. Baseando-

se em mapas utilizados nas aulas, adequando-os ao uso do deficiente visual de forma rápida e acessível, a fim de apontar que a produção desses mapas não é difícil e tão pouco implica grandes despesas. Valendo-se de técnicas artesanais, na confecção dos mapas táteis foram utilizados materiais de papelaria, com texturas e cores diferentes, materiais encontrados nas residências e recicláveis como botões, areia, canudos e papelão. Durante a confecção não apresentou-se algum tipo de dificuldade, não houve obstáculos para encontrar materiais e gastou-se pouquíssimo dinheiro na compra dos itens para comporem os mapas. Com criatividade, substituíram-se itens mais caros por outros materiais com textura diferenciada, fáceis de encontrar em casa ou na escola, como material reciclável, de construção, natural e tecidos. Quanto à eficácia dos materiais na leitura e compreensão dos conteúdos geográficos apresentados, notou-se retorno significativo através do interesse dos alunos, agradecimentos e pela relação que fizeram do conteúdo com notícias e vivências cotidianas. Essas reações explicitam a importância do mapa para o deficiente visual: o de localizar-se no mundo e, acima de tudo, de sentir-se incluído, ressaltando o valor da cartografia tátil na vida desses indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia Tátil, Mapas táteis, Materiais, Ensino de Geografia.

GEOGRAPHY TEACHING FOR THE PEOPLE VISUALLY IMPAIRED: CONFECTION OF THE TACTILE MAPS WITH ACCESSIBLE AND LOW COST MATERIALS

ABSTRACT: Currently, there is a trend in geography teaching gradually attached to the technology, highlighting our subjection to the sense of sight. On this, it is fundamental to think about visually impaired people to include these individuals in the school and in Society. Thereunto, tactile cartography is the way to the building of the geographic concepts by the blind or visually impaired student, because is responsible for building tactile maps and other cartographic products confection whose can be used for blind or visually impaired people reading. This article exposes the results of the scientific initiation developed in the degree course in geography by UFSCar. The research was presented with the main objective of making cartographic materials for the teaching of geography to students with visual impairment. The project was based on the most used maps at the classes with the purpose of suit them for the use by the visually impaired in a fast and accessible way, in order to point out that the production of these maps is not hard nor involves great expense. Using craft techniques, the tactile maps were made with stationery of diverse colors and textures, materials found in residences and recyclable, like buttons, sand, straws and cardboard. During the preparation there was no difficulty whatsoever, there were no obstacles to find materials and very little money was spent on buying the items to compose the maps. With creativity, more expensive items have been replaced by other textured materials that are easy to find at home or at school, such as recyclable, building, natural and fabrics. Regarding the effectiveness of the materials in reading and understanding the geographic contents presented, there was a significant return through the students' interest, thanks and the relationship they made with daily news and experiences. These reactions explain the importance of the map for the visually impaired: to be located in the world and, above all, to feel included, highlighting the value of tactile cartography in the lives of these individuals.

KEYWORDS: Tactile Cartography, Tactile Maps, Materials, Geography Teaching.

1 | INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo visual em que assimilamos quase tudo ao nosso redor através da visão. Durante os anos de graduação, ressalta-se a relevância da apreensão dos conceitos geográficos por meio de observações, mapas e imagens. Disto, surge a questão: como seria possível a um cego aprender geografia sem a apropriação de sua parte visual? A cartografia tátil tem um destaque fundamental para que a construção do espaço e da percepção da paisagem seja possível por parte do cego (VENTORINI; FREITAS, 2011).

A apreensão do conteúdo pela pessoa cega ou com baixa visão se dá através de experiências táteis, olfativas, sinestésicas, auditivas e da linguagem (CARMO, 2011), sendo o tato o sentido mais importante, mesmo que a percepção seja mais lenta e limitada espacialmente até onde os braços alcançam (ALMEIDA, 2007):

Assim, reitera-se que, para um cego, não se trata de substituir a visão por outros sentidos, normalmente inativos, mas de acioná-los de uma forma diferente do vidente, que parece usar a visão para “guiar” os demais sentidos. O tato constitui-se em recurso valioso no ensino de alunos cegos. Entretanto, não pode ser visto como substituto da visão, nem pensado de forma independente dos processos cognitivos envolvidos na apropriação de conhecimentos (BATISTA, 2005, p. 13).

A partir disso, os materiais didáticos que os estudantes com deficiência visual utilizarão na escola precisam ser adaptados de acordo com suas necessidades apresentadas (ALMEIDA, 2007). Para isso, pensando em um ensino de qualidade, o ideal é que se busquem maneiras eficazes distintas de aprendizado dos alunos para a alfabetização geográfica e cartográfica ocorrer com sucesso (SIMIELLI, 2007).

Na realidade, percebe-se na escola uma falta de recursos para os próprios alunos videntes e, para os alunos cegos e com baixa visão, ou não existem materiais adequados ou são materiais precários, feitos de maneira caseira improvisada pelos professores/escola/alunos (CARMO, 2011). Atualmente, alguns materiais cartográficos táteis desenvolvidos por alguns países, possuem avanços tecnológicos integrados a sistemas de *softwares* e equipamentos eletrônicos que permitem uma didática multissensorial. No entanto, isso envolve um alto investimento em pesquisas e tecnologias, o que parece uma prática distante da realidade encontrada nas escolas brasileiras (CARMO, 2011). Utiliza-se na maioria das vezes, técnicas artesanais e rústicas.

Neste sentido, este artigo apresenta os resultados do projeto de iniciação científica realizados durante o período de graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de São Carlos. O trabalho teve como principal objetivo a confecção de materiais cartográficos destinados a usuários com deficiência visual ou de baixa visão. Baseando-se nos mapas mais utilizados em sala de aula com o propósito de adequá-los para o uso do deficiente visual de forma rápida e acessível, a fim de apontar que a confecção desses mapas não é difícil e tão pouco implica grandes despesas.

2 | A CARTOGRAFIA TÁTIL E A ELABORAÇÃO DE MAPAS TÁTEIS

Existem diversas questões por trás do uso do mapa, desde a utilização para localização, informação, comunicação, bem como o conhecimento do território para exercer o domínio sobre ele, dos recursos e pessoas, evidenciando sua importância como recurso didático, forma de linguagem e comunicação, no nosso cotidiano:

No caso do aluno deficiente visual, a importância dos mapas é ainda maior. Diagramas, ilustrações, modelos e mapas, apesar de abstrações da realidade, conseguem concretizar o espaço, sintetizando a informação a ser percebida pelo tato (VASCONCELLOS, 1993, p. 50).

Segundo Oliveira (2007), necessita-se que o aluno seja preparado para poder ler o mapa e compreendê-lo em sua totalidade, o que significa que “é preciso familiarizar-se com os mapas para poder compreendê-los em toda sua complexibilidade” (ALMEIDA e LOCH, 2009, p. 124).

Para que um aluno com deficiência visual tenha acesso na escola aos conteúdos geográficos, a Cartografia Tátil surge como um ramo da Cartografia responsável pela confecção de mapas e outros produtos cartográficos táteis que possam ser usados para a leitura por pessoas cegas ou com baixa visão no processo de ensino-aprendizagem de Geografia.

Para a elaboração dos mapas táteis é preciso que se estude a fundo como transcrever as informações visuais para a forma tátil, dado que existe uma diferença significativa nos sentidos da visão e do tato, além de não existirem regras gerais e definidas para a produção da cartografia tátil, que precisa de conceitos e regras diferentes da cartografia convencional, assim como técnicas distintas para a produção dos mapas táteis. Não é viável, por exemplo, que se construa o mapa tátil com as mesmas proporções e detalhes de um mapa visual, é necessário que se tenha em mente que haverá exageros e distorções para que haja uma apreensão melhor do conteúdo que se deseja passar (ALMEIDA, 2007).

É importante lembrar que não se deve sobrecarregar o mapa com diversas informações e deve se utilizar da linguagem gráfica visual em conjunto com a linguagem gráfica tátil, posto que os materiais sejam utilizados por diversas pessoas, com diferentes graus de deficiência visual (ALMEIDA, 2007). Destaca-se também a necessidade de se ter no mapa as escritas em braile. Do mesmo modo, a tecnologia é uma ferramenta vital para a produção desses materiais, bem como o acesso a essas tecnologias, que garantirão a eficiência do processo de ensino e aprendizagem (CARMO, 2011).

Caracterizado como uma estrutura plana, o mapa tátil pode ser feito a partir de diversos materiais como alumínio, papéis, papelão, plástico, E.V.A., panos entre outros, que sejam, preferivelmente, duráveis e resistentes ao manuseio. É importante que apresente saliências perceptíveis através do tato que informem ao usuário do mapa o significado da textura (D’ABREU; BERNARDI, 2011).

Através das técnicas da Cartografia Tátil, “os mapas táteis podem ser utilizados para orientação, mobilidade e para apreender informações gráficas e imagens em geral, tanto no contexto escolar como na vida diária” (CARMO, 2011, p. 255). Assim, as representações gráficas táteis, especialmente os mapas, possibilitam para o aluno com deficiência visual, o conhecimento geográfico que facilitam a compreensão do mundo.

3 | METODOLOGIA

Esse trabalho foi planejado e realizado através do princípio da pesquisa-ação em que, através de estudos aprofundados, pensou-se na confecção dos mapas em conjunto com o local de aplicação¹ do projeto.

A elaboração dos mapas partiu de uma escala global, para a escala federal, estadual e, por último, municipal. Usou-se diversos papéis de diferentes texturas e cores fortes, que puderam ser encontrados no laboratório de Cartografia da UFSCar, e, outros foram adquiridos em papelarias e em lojas populares. Muitos itens não precisaram ser comprados, pois foram encontrados no cotidiano do lar, como tesouras, cola, fita adesiva, botão, areia e materiais recicláveis. A escola de cegos possui impressora e máquina de escrever em braile e viabilizou, sem custo algum para a pesquisa, a impressão dos escritos. A confecção foi realizada a partir de técnicas artesanais e todos os mapas apresentavam legenda, título, orientação e escala em braile e em linguagem gráfica convencional:

- **Globo Terrestre Tátil:** Utilizou-se o da escola de cegos, um globo convencional, que apresentava o nome dos continentes e oceanos em braile. A divisão dos continentes, feita manualmente, com tinta contornando e o meridiano de Greenwich marcado com barbante. Preferiu-se usar o Globo ao invés do Mapa-múndi, pela relação de proporção dos territórios e para uma maior dimensão da posição dos países em relação aos outros e dos hemisférios Norte e Sul;
- **Mapa Político da Divisão das Regiões do Brasil (Foto 01):** Baseado no Mapa Político do Brasil encontrado nas escolas, sendo, as dimensões do mapa tátil, as mesmas do mapa original (escala 1:5.000.000). Os materiais que foram utilizados para a confecção deste mapa foram cola, tesoura, papel vegetal, fita adesiva dupla face, cartolinas branca, barbante preto, duplex amarelo, E.V.A. vermelho, crepom roxo, camurça laranja, celofane azul, papelão microondulado verde, lixa preta, um botão e tinta *Acripuff*² preta para contorno;

¹ Para a realização do projeto o local escolhido foi a Associação Ituana de Assistência aos Deficientes Visuais – Escola de Cegos Santa Luzia, de Itu-SP.

² A tinta puff é uma tinta especial para contorno, que depois de seca, fica emborrachada e fácil de ser percebida pelo tato. Essa tinta é encontrada em lojas que vendem tinta para tecido ou papelarias.



Foto 01 – Mapa Tátil da divisão regional brasileira. Rodrigues, Laís C. (Junho/2016)

- Mapas de São Paulo: três mapas do Estado de São Paulo (Foto02, 03 e 04), cada um representando um período histórico em relação à vegetação natural no Estado em cada período. Os três mapas possuíam a dimensão de uma cartolina, 50x66cm. Os materiais utilizados foram cola, tesoura, papel vegetal, cartolina, E.V.A. verde, crepom roxo, lixa preta, camurça amarela e barbante preto;



Foto02 – Mapa tátil 1 do Estado de São Paulo – Vegetação Natural. Rodrigues, Laís C. (Junho/2016)



Foto03 – Mapa tátil 2 do Estado de São Paulo – Vegetação 1886. Rodrigues, Laís C. (Junho/2016)



Foto 04 – Mapa tátil 3 do Estado de São Paulo – Vegetação 2000. Rodrigues, Laís C. (Junho/2016)

- Mapa de Zoneamento de Itu: Com dimensão de 90x120cm. Foram utilizados cola, tesoura, papel vegetal, cartolina, crepom verde, E.V.A. laranja, canudos, esmalte azul, botão preto, areia, palitos de madeira, fita adesiva, barbante, tinta puff.

4 | RESULTADOS

Durante toda a aplicação, trabalhou-se primeiramente a alfabetização geográfica

(Foto05) com a explanação de conceitos e temas no ensino de Geografia e, em seguida, a alfabetização cartográfica com o uso dos mapas.



Foto05 – Apresentação do conteúdo, aula expositiva. Santos, Érico V. F. (Junho/2016)

Em relação ao Globo tátil, pode-se perceber que, na verdade, é um globo convencional com apenas detalhes em braile. As letras são muito pequenas e não apresentam texturas nem cores fortes. O uso do Globo com os alunos foi efetivo por conta do acompanhamento da pesquisadora, porém percebe-se que o globo tátil não se faz um material adequado para o ensino de pessoas cegas ou com baixa visão por mostrar-se incompleto. Além disso, o preço de um globo tátil é três vezes maior que um globo convencional. A solução para atender um aluno com deficiência visual seria a elaboração de um globo tátil com texturas e cores distintas, a partir de técnicas artesanais, ou adaptar um globo terrestre já existente na escola.

Para o Mapa Tátil do Brasil, trabalhou-se a alfabetização cartográfica. Cada região, apresentada com uma textura e cor diferente e o litoral representado pelo papel celofane azul, que ao tato, era associado imediatamente à água. No entanto, o mapa continha muita informação, devido aos nomes dos Estados em braile e sendo a leitura do braile demorada (Foto 06), aparentou-se leve desânimo naqueles alunos que estavam lendo e nos que esperavam. Compreende-se que é importante atentar-se a quantidade de informações para não cansar a leitura e desestimular o aluno.



Foto 06– Sentindo as texturas. Santos, Érico V. F. (Junho/2016)

Nos mapas do Estado de São Paulo (Foto07), manifestou-se maior proveito, pois apresentava uma dimensão mais adequada (até onde os braços alcançam), com poucos materiais de cores e texturas muito distintas entre si. Esse processo deu autonomia para os alunos, que demonstraram maior interesse pela aula.



Foto07– Leitura da orientação do mapa. Santos, Érico V. F. (Junho/2016)

Por fim, o Mapa Tátil de Itu apresentava a localização das principais estradas, da escola de cegos (Foto08), do principal rio da cidade (Foto09), a divisão das zonas rurais e urbanas e das áreas de preservação ambiental.



Foto 08– Identificação da escola no mapa. Santos, Érico V. F. (Junho/2016)



Foto 09– Percorrendo o sentido do rio (canudo). Santos, Érico V. F. (Junho/2016)

Todos os mapas chamaram a atenção dos alunos, principalmente o de Itu, mas dos mapas apresentados, aqueles ao qual a apreensão do conteúdo foi mais rápida e fácil, foram os do Estado de São Paulo. O mapa do Brasil e o mapa de

Itu continham muita informação e notou-se um desestímulo para perceber todos os detalhes contidos no mapa, ao contrário dos mapas de São Paulo, no qual havia menos informações e a maioria dos alunos conseguiram manuseá-los sozinhos.

Apesar da ideia inicial de se adaptar os mesmos mapas de ensino usados por alunos videntes, para serem usados tanto por alunos cegos quanto por aqueles que enxergam, não é viável a construção do mapa tátil nas mesmas proporções do mapa visual. Os mapas do Brasil e de Itu eram grandes para os alunos tatearem, tendo que ser dobrado ao meio para que conseguissem percorrer todo o mapa.

Em relação aos materiais trabalhados na elaboração dos mapas, não houve dificuldade para encontrá-los e gastou-se muito pouco dinheiro na compra desses materiais. Com imaginação, pode-se substituir peças mais caras por qualquer outro tipo de material com textura diferenciada, que pode ser encontrado em casa ou na própria escola, como recicláveis, elementos naturais, utensílios de costura, etc.

Considerando a técnica artesanal de corte e colagem, em nenhum mapa, em particular, houve algum tipo de dificuldade no momento da elaboração. A tecnologia poderia ajudar a melhorar o processo da elaboração dos moldes dos mapas, agilizando e facilitando a confecção, porém, é importante ressaltar que as técnicas artesanais são comprovadamente eficientes e acessíveis, possibilitando adaptar de maneira eficiente qualquer material às necessidades dos alunos (ALMEIDA, 2007).

Para saber sobre a eficácia do mapa “o retorno (feedback) e a avaliação do aluno com deficiência visual devem ter um papel fundamental nas decisões relacionadas com a produção de mapas, gráficos e ilustrações destinadas à percepção tátil”. (ALMEIDA, 2007.) Esse retorno pôde ser notado através do interesse apresentado pelos alunos, pelos elogios e agradecimentos que faziam e pelas perguntas que respondiam oralmente no momento em que tateavam os mapas. Os alunos também relacionavam o conteúdo passado, através do mapa e da aula expositiva, com notícias e vivências do seu próprio cotidiano. Os alunos cegos ficaram surpresos ao perceberem que o mapa também estava em braile, possibilitando que eles o manuseassem sozinhos, sentindo-se incluídos.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos resultados obtidos na pesquisa, pode-se considerar que a confecção dos mapas táteis não é difícil, tão pouco onerosa. Os materiais são fáceis de serem encontrados, manuseados e, ainda, sobram, podendo ser reciclados para usos futuros em outras atividades, assim como para a confecção de novos mapas.

Mesmo demonstrando-se nesta pesquisa que a confecção dos mapas táteis não implica grandes despesas ou dificuldades, a existência de material gráfico disponível para o deficiente visual ainda é extremamente limitada.

A importância dos mapas para o aluno deficiente visual é notável, e quando os alunos durante a pesquisa perguntam da possibilidade de confecção do mapa de Itu, com localização dos principais pontos centrais, para que consigam circular pela cidade de forma autônoma, isso evidencia não só a questão do mapa ser fundamental para a localização, percepção e construção do espaço pelo deficiente visual, mas também a relevância que a cartografia tátil tem para a vida cotidiana desses indivíduos e o seu papel de inclusão.

Portanto, pensar na inclusão do deficiente visual, desde o início de sua escolarização, encontrando as ferramentas adequadas que farão com que ele tenha acesso ao mesmo conteúdo disponível para o aprendiz que uma pessoa com visão normal, é pensar no futuro desse aluno enquanto estudante universitário, profissional e cidadão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luciana Cristina de, LOCH, Ruth Emília Nogueira. **Iniciando a Alfabetização Cartográfica**. In: Revista Eletrônica de Extensão, v. 6, n. 7, p. 117-125, 2009. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/issue/view/1172>, acesso em 18 de janeiro de 2016.
- ALMEIDA, Regina Araújo de. **A Cartografia Tátil no Ensino de Geografia: Teoria e Prática**. In: ALMEIDA, R. D. (Org.) Cartografia Escolar. 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p. 119-144.
- ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.) **Cartografia Escolar**. 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- BATISTA, Cecília Guarnieri. **Formação de Conceitos em Crianças Cegas: Questões Teóricas e Implicações Educacionais**. In Psicologia: Teoria e Pesquisa, Vol. 21 n. 01, p. 07-15, 2005.
- CARMO, Waldirene Ribeiro do. **Formação de professores em Cartografia Tátil: questões teóricas e experiências práticas**. In: VENTORINI, Sílvia Helena, FREITAS, Maria Isabel C. de. (Org.). Cartografia Tátil: orientação e mobilidade às pessoas com deficiência visual. 1ª edição – Jundiaí, Paco Editorial: 2011, p. 251-278.
- D'ABREU, João Vilhete Viegas; BERNARDI, Núbia. **Tecnologias táteis e sonoras para a comunicação e orientação espacial da pessoa com deficiência visual**. In: VENTORINI, Sílvia Helena, FREITAS, Maria Isabel C. de. (Org.). Cartografia Tátil: orientação e mobilidade às pessoas com deficiência visual. 1. Ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. p. 85-104.
- PREFEITURA DE ITU. **Mapa de zoneamento de Itu**. Disponível em: http://www.itu.sp.gov.br/site/wp-content/uploads/2015/mapas_itu/mapa_itu_zoneamento_municipio_set2015.pdf, acesso em 25 de maio de 2016.
- OLIVEIRA, Livia de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. In: ALMEIDA, R. D. (Org.) Cartografia Escolar. 2.Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p. 15-41.
- SIMIELLI, Maria Elena. **O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica**. In: ALMEIDA, R. D. (Org.) Cartografia Escolar. 2.Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p. 71-94.
- VASCONCELLOS, R. **A Cartografia tátil e o deficiente visual: uma avaliação das etapas de produção e uso do mapa**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

VENTORINI, Silvia H.; FREITAS, Maria I. C. de; **Cartografia tátil: orientação e mobilidade às pessoas com deficiência visual**. VENTORINI, Silvia Helena, FREITAS, Maria Isabel C. de. (Org.). 1. Ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

VICTOR, M.A.M., CAVALI, A.C., GUILLAUMON, J.R., SERRA FILHO, R., Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. **Cem anos de devastação: revisitada 30 anos depois**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. Disponível em: http://www.historiaambiental.org/biblioteca/ebooks/cem_anos_de_devastacao_2005.pdf, acesso em 20 de maio de 2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação pedagógica 15, 17, 18

Amapá 189, 190, 191, 197, 198, 201, 203, 204, 207, 208

Arroz 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70

Atlas 37, 38, 39, 48, 49, 86, 127, 134, 136, 183, 187, 218, 253, 269

B

Beneficiamento 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70

C

Campanha gaúcha 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Cartografia tátil 1, 2, 3, 4, 13, 14

Cidadania 15, 17, 19, 24, 25, 26, 27, 123, 127, 129, 131, 136, 193, 215, 236

Cidades-gêmeas 189, 191, 192, 193, 200, 201, 202, 207

Comércio 57, 79, 81, 83, 85, 108, 109, 111, 114, 116, 163

Conhecimentos geográficos 15, 17, 18, 26, 27, 243

D

Democracia 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

Diversidade 15, 17, 19, 25, 26, 27, 33, 39, 40, 50, 52, 55, 60, 94, 101, 200, 243, 260, 268

Docente 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 87, 108, 168

E

Empresas de publicidade 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

Engenhos 75, 77, 78, 137, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 150, 151

Ensino de geografia 1, 13, 16, 29, 35, 36, 243, 269

Estágio supervisionado 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36

F

Feminicídio 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

Fronteira franco-brasileira 189, 199, 201, 206

G

Gênero 54, 94, 174, 209, 210, 212, 213, 217, 218

Geografia agrária 37, 269

Gestão empresarial 179

Gestão urbana 120, 121, 122, 127, 131, 160, 168, 169, 171, 177

I

Influência 72, 74, 78, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 164, 180, 185, 197, 200, 262, 263, 265

Interior 55, 56, 57, 61, 62, 74, 77, 121, 132, 140, 194, 265

M

Mapas táteis 1, 3, 4, 12

Materiais 1, 3, 4, 5, 6, 9, 12, 39, 53, 58, 73, 152, 153, 155, 156, 158, 162, 190, 195, 231, 245, 246

Mocambos 137, 138, 145, 146, 148, 149, 150, 151

Mulher 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

N

Norte de Minas 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49

O

Oiapoque 189, 190, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208

P

Participação 17, 19, 21, 25, 33, 42, 65, 72, 74, 110, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 156, 158, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 184, 220, 228, 231, 236, 242, 245, 269

Planejamento 38, 64, 85, 116, 117, 119, 120, 128, 129, 133, 136, 138, 157, 160, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 188, 202, 219, 220, 221, 224, 228, 229, 234

Plano plurianual 2018–2021 168

Política 53, 57, 59, 63, 67, 69, 95, 96, 107, 110, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 168, 170, 171, 176, 178, 181, 187, 193, 194, 201, 214, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 259

População 24, 44, 53, 55, 59, 63, 64, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 90, 92, 93, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 111, 113, 115, 116, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 142, 146, 148, 161, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 183, 187, 191, 193, 197, 198, 200, 213, 221, 231, 233, 236, 238, 241, 242, 245, 246, 250, 251, 265

Produção 1, 4, 12, 27, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 113, 118, 119, 128, 131, 135, 140, 142, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 171, 178, 181, 182, 189, 190, 194, 196, 201, 206, 217, 236, 243, 264

Produção do espaço 27, 85, 89, 118, 128, 152, 153, 155, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165,

166, 178, 189, 201, 206, 217, 243

R

Recife 36, 49, 85, 117, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 165, 166, 183, 230, 231, 232, 236, 237, 238, 240, 243, 244, 258, 259, 261, 263, 264, 267, 268

Rede urbana 86, 109, 110, 117, 118, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 207

Região imediata de Ituiutaba 87, 88, 90, 96, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 106

Renda familiar 82, 87, 88, 89, 90, 92, 95, 96, 97, 104, 105

Renovação urbana 152, 154, 155, 160, 163, 171

R-existência 50, 51, 52, 55, 56

Rincões 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58

RPA-05 137, 138, 140, 151

S

São Paulo 6, 7, 9, 11, 12, 13, 28, 35, 36, 49, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 70, 71, 85, 86, 107, 117, 118, 119, 127, 134, 135, 136, 138, 141, 142, 151, 154, 166, 167, 178, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 207, 208, 217, 243, 244, 252, 253, 267, 268, 269

Shopping center 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117

Subalternidade 50, 51, 55, 57, 215

Sustentabilidade 15, 17, 19, 25, 27, 168, 170, 177, 219, 220, 224, 229, 235, 243

T

Território 3, 26, 37, 38, 39, 46, 48, 49, 51, 53, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 85, 86, 110, 123, 127, 131, 135, 137, 140, 145, 154, 164, 167, 171, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 217, 226, 229, 239, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 269

Território-fronteiriço 189

Timon 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119

V

Valorização das raridades urbanas 152

Violência 40, 54, 209, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 247

Vulnerabilidade social 87, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 96, 98, 104, 105, 106

 **Atena**
Editora

2 0 2 0